



## A crise das universidades públicas federais

**Síntese:** *A greve de mais de três meses que assola as universidades públicas federais escancara a crise que vem se abatendo sobre o ensino superior no país. Os anos recentes foram marcados por uma expansão realizada de maneira improvisada, com vagas sendo ofertadas antes que houvesse salas de aula, bibliotecas e laboratórios para ensinar os alunos. O país até tem conseguido pôr mais estudantes nas universidades públicas, mas o percentual dos que conseguem graduar-se se mantém baixo. Para melhorar, a educação brasileira precisa elevar a qualidade do que é ensinado, mas, nos últimos nove anos, a preocupação com a excelência ficou relegada.*

As universidades públicas federais já estão há mais de três meses em greve. A prolongada paralisação dos docentes reflete a crise que vem tomando conta das instituições públicas de ensino superior no país. O governo petista é o principal responsável: não cuidou de propor o plano de carreiras prometido aos professores, investiu de maneira irresponsável no inchaço dos cursos e agora não tem condições de arcar com os custos de manutenção e os investimentos na infraestrutura necessária.

A realidade das universidades públicas federais difere bastante do discurso oficial vigente desde a era Lula – que alardeia que, nunca antes na história, o país abriu tantas novas vagas. A propalada expansão sem precedentes da educação superior brasileira vem se revelando um engodo, bem distante da edulcorada propaganda petista.

O ritmo de expansão das matrículas em universidades federais públicas praticamente não se alterou em comparação ao governo anterior. Quando se consideram também institutos, faculdades e centros federais de educação tecnológica, o total de formandos até decaiu em relação a 2004. O país também continua tendo uma parcela muito baixa de sua população nas universidades.

### Improvisos e puxadinhos

Por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), lançado em 2007, o governo Lula estimulou a criação atabalhoada de instituições de ensino superior, sem qualquer planejamento ou estudo prévio. A expansão foi feita de maneira improvisada, oferecendo vagas antes que houvesse salas de aula, bibliotecas e laboratórios para ensinar os alunos. Há exemplos de norte a sul.

Na tradicional Universidade Federal Fluminense, os estudantes que chegaram para preencher as novas vagas foram acomodados em contêineres. Nas recém-criadas universidades federais do ABC, de São Paulo e do Vale do Jequitinhonha, nem isso: os alunos ficaram mesmo sem ter onde assistir aulas. Com isso, a evasão disparou: na ABC, por exemplo, em 2009 42% dos matriculados abandonaram os cursos, descontentes com as precárias condições da escola.

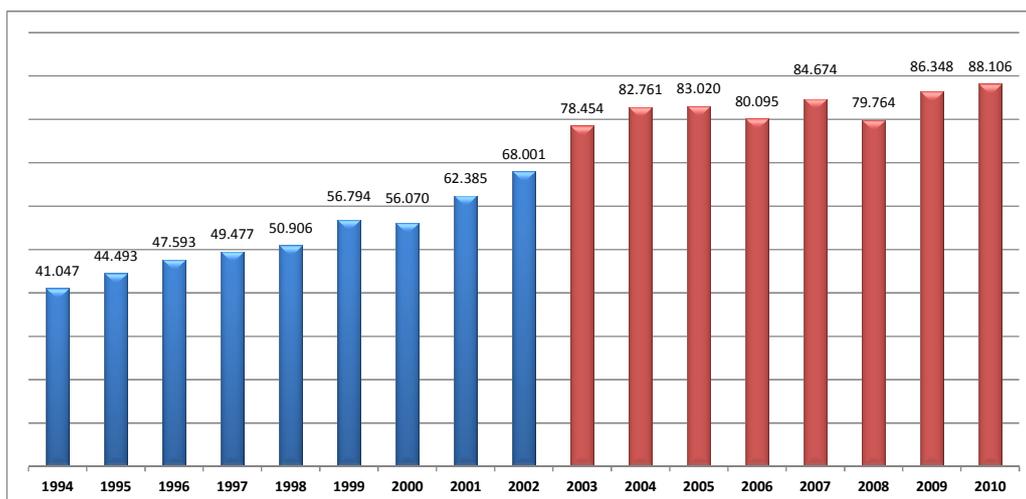
Como se não bastasse a má gestão e a ausência de planejamento, a expansão das universidades patrocinada pelo Reuni foi pródiga em jogar dinheiro público no lixo. Entre 2007 e 2011, a União repassou R\$ 4,4 bilhões às instituições federais de ensino superior para obras, mas, em relatório recente, a Controladoria Geral da União constatou que 178 construções estavam paralisadas ou haviam sido canceladas.

### Lentidão, apesar da propaganda

Na última década, os avanços do ensino superior no Brasil foram bem mais lentos do que o esperado. Apesar de o número de alunos formados em universidades públicas em cursos presenciais (ou seja, excluído o ensino a distância) ter continuado a aumentar, o ritmo médio de expansão diminuiu bastante no governo petista em comparação com a gestão tucana.

No governo Fernando Henrique, o total de diplomados cresceu 66%, passando de 41 mil em 1994 para 68 mil em 2002. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o total de matrículas também subiu: 49%, para 527 mil em 2003. Isso significa que a parcela de formandos no período elevou-se, indicando melhores resultados na formação de novos talentos por parte das universidades públicas do país.

### Concluintes em universidades federais públicas\*



Fonte: Inep/MEC. \*Alunos de cursos de graduação presenciais

Nos oito anos seguintes, o salto no número de formandos foi menor, tanto em termos relativos quanto absolutos: 30%, chegando a 88 mil em 2010, embora com quedas em vários anos. No período, as matrículas nas instituições públicas de ensino superior aumentaram 45%. Em termos absolutos, até 2010 houve acréscimo de 236 mil novas vagas. Nos anos mais recentes, o ritmo de expansão da titulação de novos doutores nas universidades federais caiu a um terço do que era.

Continua baixa a correlação entre o número de alunos que ingressam nas faculdades públicas e o dos que se formam. Nos últimos 16 anos, o percentual partiu de 12,6%, superou 15% no início do governo Lula e retrocedeu a 11,5% ao final da gestão do petista. Até por esta razão, também é pequena a média dos jovens brasileiros que possuem formação de nível superior: apenas 17,4% em 2011, quando a meta, fixada no último Plano Nacional de Educação, era chegar a pelo menos 30%.

### **Dinheiro mal empregado**

O gasto do governo brasileiro em educação é comparável ao padrão de países desenvolvidos, mas aqui o dinheiro é muito mal aplicado. Nossa média de investimento no sistema educacional é de 5,1% do PIB. O que falta é melhorar a qualidade do dispêndio e redistribuí-lo de maneira mais adequada. Hoje acontece o contrário: enquanto um estudante do ensino público superior custa US\$ 11,6 mil ao ano, a despesa pública com um aluno matriculado na educação básica não passa de US\$ 2,1 mil.

Apesar de consumirem bastante dinheiro, as universidades brasileiras exibem uma produção científica ainda modesta – para que o ambiente de recorrentes e prolongadas greves de professores e servidores colabora bastante. O Brasil representa hoje somente cerca de 2% da produção mundial de artigos científicos e participa com apenas 0,32% das patentes no mundo. Somente a USP figura entre as 100 instituições globais de ensino superior com melhor reputação.

As famílias brasileiras sentem na pele a crise nas universidades federais públicas, seja pelas incertezas que a repetição das greves acarreta, seja pela precarização na estrutura dedicada à formação de seus filhos. Resta evidente que, para melhorar, a educação brasileira necessita não apenas aumentar a oferta de vagas, mas sim a qualidade do que é ensinado. Nos últimos nove anos, o governo petista limitou-se a multiplicar instituições e dobrar estruturas burocráticas; a preocupação com a excelência ficou relegada. Ou o país educa sua população e aprofunda a qualificação de seus profissionais, preparando-se para se transformar em uma economia moderna, ou corre o risco de ficar irremediavelmente para trás no vestibular do desenvolvimento.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.

---

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br)